



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**TV EXTENSÃO - A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS DE  
PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO COMO FERRAMENTAS EMANCIPATÓRIAS**

Milene Bandeira Almeida

Rio de Janeiro

2022

MILENE BANDEIRA ALMEIDA

TV EXTENSÃO - A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS DE  
PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO COMO FERRAMENTAS EMANCIPATÓRIAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Carvalho de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2022

A447t Almeida , Milene Bandeira  
TV Extensão - A utilização de metodologias participativas de pesquisa e experimentação como ferramentas emancipatórias / Milene Bandeira Almeida . -- Rio de Janeiro, 2022.  
22 f.

Orientador: Bernardo Carvalho de Oliveira.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês, 2022.

1. Educação. 2. Extensão. 3. Pesquisa. 4. Experimentação. I. Oliveira, Bernardo Carvalho de, orient. II. Título.

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**

MILENE BANDEIRA ALMEIDA

117040397

**TV EXTENSÃO - A UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS DE PESQUISA E EXPERIMENTAÇÃO COMO FERRAMENTAS EMANCIPATÓRIAS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação: 17/03/2022

Banca Examinadora:

Bernardo Carvalho Oliveira

Angela Medeiros Santi

Bernardo Carvalho Oliveira – Presidente da Banca Examinadora

Professor Doutor Adjunto na Faculdade de Educação/UFRJ

SIAPE 2067683

NOTA: 9,5

Angela Medeiros Santi

Professora Doutora Adjunta na Faculdade de Educação/UFRJ

SIAPE 3206954

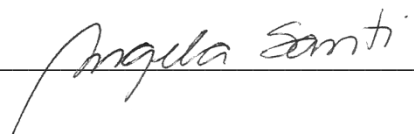
NOTA: 8,5

MÉDIA: 9,0

Assinaturas dos avaliadores:



---

Bernardo Carvalho Oliveira

---

Angela Santi

À minha família e, em especial, aos meus pais que sempre me apoiaram e me ajudaram, ao meu namorado por sempre me incentivar e motivar, às minhas amigas Yasmim e Rebeca por estarem ao meu lado em todos os anos da faculdade, às minhas veteranas Larissa e Bruna por me ajudarem em todas as etapas, aos meus melhores amigos que estiveram comigo nos melhores e piores momentos, ao meu orientador por nunca desistir de mim e por acreditar no meu potencial, e ao Grupo de Educação Multimídia por fazer eu me apaixonar pelo ensino e pesquisa.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>O PROJETO TV EXTENSÃO COMO OBJETO DE ANÁLISE</b>	<b>8</b>
<b>3.1</b>	<b>O Grupo de Educação Multimídia (GEM) e o projeto Travessias</b>	<b>9</b>
<b>3.2</b>	<b>O projeto TV Extensão</b>	<b>10</b>
3.2.1	Os princípios ativos utilizados	11
3.2.2	Politecnia	11
3.2.3	Tradução Intersemiótica	11
3.2.4	Educação Interdisciplinar	12
3.2.5	As oficinas de Oulipo	12
3.2.6	O cinema de arquivo de Harun Farocki	12
<b>3.3</b>	<b>As Oficinas realizadas</b>	<b>12</b>
3.3.1	Fotografia de Mallarmé: Leitura e Transcrição	14
3.3.2	Oficina O Navio Negreiro	15
3.3.3	Oficina Remixando O Navio Negreiro	16
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DAS OFICINAS</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>19</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a humanidade evoluiu de diversas formas, entretanto, o sistema educacional brasileiro parece não ter sofrido grandes mudanças por estar defasado e por ainda contar com os mesmos objetivos do passado de formar sujeitos individuais que aprendam sobre vários tópicos de forma geral, sem construir um conhecimento específico. Com isso, cria-se então uma necessidade de transformar esse ensino para que haja de fato uma evolução na educação que faça com que ela seja crítica e emancipatória e uma das formas de se construir isso é por meio da pesquisa e da experimentação. Nesse sentido, a Extensão Universitária brasileira pode cumprir um papel importante nessa construção ao possibilitar, por meio de Oficinas emancipatórias, a utilização de metodologias participativas de ensino que trabalhem com a criticidade dos participantes e forme sujeitos emancipados.

Apesar de haver essa defasagem no ensino, algumas Universidades têm construído, por meio da Extensão, projetos e oficinas que visam suprir essa necessidade de transformação ao trabalharem não só dentro da Universidade como também fora dela de forma que a comunidade externa possa também fazer parte desse processo. Tendo como ponto de partida essas Universidades, tem-se como objetivo analisar o projeto TV Extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro e suas Oficinas para então mostrar como a utilização de metodologias participativas de ensino pode emancipar os participantes de forma que todos possam ter uma formação crítica ao longo do processo de aprendizagem. O projeto TV Extensão tem como uns dos objetivos divulgar e integrar as diferentes experiências e ações de extensão e cultura na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e criar Oficinas de formação abertas ao público interno e externo. O projeto tem como pressupostos teóricos os conceitos de politecnia (SAVIANI, 2007), tradução intersemiótica (PLAZA, 2003) e interdisciplinaridade. Espera-se que, ao final, seja possível analisar que a Extensão Universitária, ao utilizar-se de metodologias participativas de pesquisa e experimentação, seja capaz de suprir essa necessidade de transformar o ensino em algo crítico e emancipatório não só dentro dos muros da Universidade como também em seu exterior.

## 2 A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA EMANCIPATÓRIA

O ensino brasileiro parece sofrer, de certa forma, uma espécie de estagnação que perdura ao longo dos séculos por não apresentar um avanço significativo em seu sistema de aprendizado. Apesar de ter havido uma evolução educacional, as escolas continuam com o mesmo objetivo de ensinar um número considerável de matérias gerais para seus alunos, sem levar em consideração o processo de aprendizagem e a forma como os alunos irão reter todas essas informações dadas. O maior problema dessa abordagem é a implicação de que o aluno não aprenderá a aplicar todo esse conteúdo em sua vida. O que se encontra hoje, na maioria das escolas, é o ensino de matérias teóricas em abundância com o objetivo de focar apenas no vestibular e não na vida cotidiana dos alunos. Como resultado, a escola forma alunos que, ao saírem, deixarão de lembrar de metade do que foi aprendido ao longo de sua formação, por não ser relevante para a sua realidade. Whitehead (1973) diz que devemos focar não em ensinar matérias demais, mas sim em ensinar bem o que é dado, de forma que o foco seja em ensinar ideias principais que sejam importantes para a formação do aluno. “A criança deve torna-las como suas e saber como aplica-las em todas as circunstâncias da vida.” (WHITEHEAD, 1973, pg.14)

Outro problema encontrado nesta forma de ensino é em relação às Universidades. Ao entrar em uma Universidade, espera-se do aluno que ele seja um sujeito crítico e pensante que tenha aprendido todo o conteúdo básico de sua formação e saiba como aplica-lo, e, por isso, o aluno encontra também dificuldades ao tornar-se universitário, por não ter essa formação básica completa de seu ensino.

Por isso, é importante que haja uma interligação entre a Universidade e as escolas para que o aluno não seja prejudicado por nenhuma das partes e, uma das formas de se diminuir esse déficit educacional é, por exemplo, por meio das Oficinas críticas oferecidas pelas Extensões Universitárias. Para melhor exemplificar a relevância do papel universitário nessa formação, o projeto TV Extensão será analisado com foco em suas Oficinas de caráter extensionista.

## 3 O PROJETO TV EXTENSÃO COMO OBJETO DE ANÁLISE

“A experimentação, a criação, a descoberta e a invenção devem constituir a forma moderna do ensino universitário, de sua instrução e de sua formação.” (PIGNATARI, 1973, p. 59)

A Universidade pode cumprir um papel importante no ensino e na aprendizagem não só de seus alunos como também da comunidade externa ao restituir a pesquisa universitária em experimentação, descoberta e criação (PIGNATARI, 1973, p. 57) de forma que o ensino seja



substituído pela invenção e pela experimentação. Com isso, será possível então que os participantes aprendam, através do processo de aprendizagem, de forma crítica, visto que, ao aprender dessa forma, o aluno poderá fazer parte de cada etapa do aprendizado ao realizar a sua própria criação.

Com a ideia de uma educação emancipatória e o objetivo de comprovar que há essa possibilidade de aprendizagem a partir da Universidade, o projeto “TV Extensão” será analisado a partir de suas oficinas realizadas ao longo de 2020 e 2021. Espera-se que, com essa análise, seja possível mostrar como o ensino emancipatório pode transformar a educação brasileira.

### 3.1 O Grupo de Educação Multimídia (GEM) e o projeto Travessias

O Grupo de Educação Multimídia (GEM) é um laboratório que visa trabalhar com a educação para e pelo trabalho, ou seja, que segue uma orientação da educação pelo trabalho. O GEM “se preocupa com a formação de professores além do desenvolvimento de metodologias participativas de ensino de linguagens” (MAIA, 2020, p. 15) e, com isso em mente, constrói, junto com seus participantes, oficinas criativas de formação de alunos e professores, tendo como pressupostos metodologias participativas que emancipem a todos que participam de seus projetos, para assim formar sujeitos autônomos e críticos. Há, na estrutura do GEM, diversos projetos que atuam não só dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como também em escolas municipais e estaduais. O objetivo dessa atuação é o de ampliar essa autonomia do aluno e do professor por meio de oficinas. O projeto TV Extensão faz parte do projeto Travessias: Palavra e Imagem que tem como objetivo criar oficinas que “visam articular os interesses dos envolvidos através de metodologias de organização de trabalhos produtivos envolvendo linguagens” (MAIA, 2020, p.3). O projeto surgiu a partir de uma demanda das escolas sobre o que fazer com os alunos que não consomem mais literatura e passam a maior parte de seu tempo nos celulares. Com isso, o Travessias conta com a tradução intersemiótica para traduzir textos literários para mídias audiovisuais, tornando então o processo de oficinas mais relevante e interessante para os alunos, sem deixar de também trabalhar com seus princípios educativos de politecnicidade e educação pelo trabalho que possam transformar a experiência em algo crítico e autônomo. É importante pontuar que as oficinas criadas pelo Travessias têm como foco o processo de trabalho feito pelos alunos e professores, pois é por meio dele que se pode chegar a um bom resultado de autonomia e criticidade, visto que as produções finais realizadas pelos alunos são resultado de toda a construção feita em sala de aula na relação aluno e professor, com discussões sobre a literatura, o cinema e a cultura em geral. É a partir dessas discussões que se pode restituir, de uma forma crítica, a literatura em circulação, trazendo-a de volta para

os indivíduos que a haviam, de certa forma, dispensado, e é a partir disso que as oficinas podem investir na criatividade dos alunos e na sua perspectiva crítica (MAIA, 2020, p.7).

### 3.2 O projeto TV Extensão

O projeto TV Extensão surgiu a partir da demanda de compartilhar e divulgar as ações de extensão realizadas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que irromperam com maior urgência após discussões sobre o papel da Universidade na sociedade. Com isso em mente, foi-se então criada uma parceria entre a Direção de Extensão e Culturas da Letras (UFRJ) e o Grupo de Educação Multimídia (GEM) com os objetivos de compartilhar e divulgar as extensões da Faculdade de Letras, com um maior foco, primeiramente, nos projetos realizados pelo GEM, e de também desenvolver conteúdos próprios para serem postados, com a realização de oficinas abertas à comunidade interna e externa à Universidade e de entrevistas relacionadas aos temas trabalhados e discutidos ao longo do processo das oficinas.

As oficinas produzidas pelo projeto seguem princípios ativos presentes no GEM e pressupostos teóricos relacionados à educação, como a politecnicidade (SAVIANI, 2007), a tradução intersemiótica (PLAZA, 2003) e a interdisciplinaridade como metodologias participativas. Para esse artigo, entende-se politecnicidade como uma união entre educação e trabalho em que são trabalhadas múltiplas técnicas a partir do princípio educativo do trabalho – apropriação técnica de meios digitais –, de forma que os alunos possam criar sua própria autonomia ao longo do processo. A tradução intersemiótica diz respeito à forma como os diferentes signos e materiais são apresentados e trabalhados ao longo da oficina, como, por exemplo, o uso de materiais audiovisuais e literários que são interligados no processo. A interdisciplinaridade é, de alguma forma, conectada com a tradução intersemiótica, visto que é por ela que é possível haver essa tradução, ao mesclar as diferentes disciplinas – audiovisual, literatura, música. As metodologias participativas enquadram todos os pressupostos teóricos listados acima, pois é por meio deles que as metodologias são realizadas. Por último, foram realizadas, até o momento, quatro oficinas, sendo uma de formação e três abertas ao público externo à Universidade, todas realizadas remotamente. A primeira oficina foi realizada utilizando-se como material o poema “Fotografia de Mallarmé”, de Ferreira Gullar e uma fotografia do autor Stéphane Mallarmé, registrada por Paul Nadar. O objetivo dessa oficina foi o de trabalhar com os extensionistas do projeto os conceitos teóricos pontuados no parágrafo acima para que eles pudessem reproduzir, de forma autônoma e criativa, uma oficina que segue os mesmos parâmetros. A segunda oficina, seguida pelas demais, teve como materiais o poema de Castro Alves, “Navio Negreiro”, e materiais interdisciplinares diversos, que foram da literatura até a música contemporânea, além

de textos teóricos que englobam os conceitos de cinema e literatura. Ao fim de cada oficina, os participantes produziram um filme de um minuto – filminuto – que tinha como estrutura uma narração feita pelos participantes de trechos do poema e imagens que pudessem ser conectadas com a narrativa. Todas as oficinas foram realizadas entre os anos de 2020 e 2021.

### 3.2.1 Os princípios ativos utilizados

Para a construção das oficinas críticas, viu-se então a necessidade de se pensar e utilizar princípios ativos como base para a elaboração de cada etapa do processo. Os princípios utilizados são os da politecnia, ou seja, relação entre educação e trabalho; da tradução intersemiótica – transcrição de formas; da educação interdisciplinar – a miscigenação de diversas áreas; a oficina de Oulipo – o conceito de restrição; e o cinema de arquivo – a ressignificação de imagens já existentes –, e é a partir deles que as oficinas da TV Extensão são baseadas, para que seja possível construí-las de forma emancipatória e experimental, como metodologias participativas que englobam a educação como formação e experimentação.

### 3.2.2 Politecnia

O conceito de politecnia advém da ideia de educação para e pelo trabalho, ou seja, a ideia de que a relação entre educação e trabalho faz parte do processo de formação do indivíduo, como o princípio educativo do trabalho. A politecnia pode ser definida como uma “especialização como domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna.” (SAVIANI, 2007, p.161), ou seja, é por ela que se trabalham as múltiplas técnicas e processos, é a união da educação e do trabalho. Nas oficinas da TV Extensão, esse conceito é utilizado ao longo do processo dos participantes, de forma que, por meio do trabalho realizado entre todos, eles possam aprender e se formar através de múltiplos processos de aprendizado que vão desde o processo de leitura, ao processo de discussão, produção e criação.

### 3.2.3 Tradução Intersemiótica

O conceito de tradução intersemiótica diz respeito à “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 2003, p. 65), ou seja, à tradução de diferentes signos como, por exemplo, de textos literários para o cinema ou a música. Na tradução intersemiótica como transcrição de formas o que se espera é irromper dentro dos diferentes signos, buscando iluminar suas relações estruturais, pois são essas relações que mais interessam quando se trata de focalizar os procedimentos que da tradução. (PLAZA, 1987, p. 71). Nas oficinas da TV Extensão, a tradução intersemiótica é trabalhada na construção das etapas dos processos, ou seja, é por meio dela que surgiu a decisão de utilizar diferentes

linguagens ao longo das oficinas, de forma que os estudantes possam trabalhar com a linguagem cinematográfica, a linguagem literária e a linguagem sonora.

#### 3.2.4 Educação Interdisciplinar

É a utilização dos textos literários e teóricos, dos filmes, das músicas e das artes trabalhadas ao longo das oficinas. Essa interdisciplinaridade está atrelada há tradução intersemiótica comentada acima, por também possibilitar essa transcrição entre as linguagens. As oficinas do projeto trabalham com os textos de forma que os participantes possam trabalhar com as diversas linguagens de forma experimental, sempre fazendo parte do processo de aprendizagem. Com esses textos, os alunos podem criar conexões e comparações por meio da pesquisa e discussão dos materiais.

#### 3.2.5 As oficinas de Oulipo

O conceito de restrições surgiu a partir dos Ateliers da Oulipo, um grupo de escritores e matemáticos que fundou uma escola literária nos anos 1960. Em suas oficinas criativas, os participantes eram estimulados à reescrita e à releitura de textos por meio das conraintes, ou restrições, “destinadas antes a abrir o código para a exploração de potenciais criativos do que a limitar a criatividade.” (MAIA, 2020, p. 7). Na TV Extensão, esse conceito é usado para o desenvolvimento da formação de leitores, estimulando os participantes a liberarem suas criatividade a partir da releitura e da ressignificação dos textos trabalhados ao longo das oficinas. Além disso, as restrições utilizadas no projeto foram inspiradas em Oulipo, de forma que os alunos precisem liberar essa criatividade para criar possibilidades para a construção de suas produções.

#### 3.2.6 O cinema de arquivo de Harun Farocki

O cinema de arquivo é um conceito apresentado por Harun Farocki (2017) que desmistifica o uso de imagens novas e originais como “instrumentalização do pensamento” de forma que, ao invés de utilizar e produzir novas imagens, o sujeito possa reapropriar-se de acervos já existentes e ressignificá-los, criando algo novo a partir de imagens antigas. É por meio desse conceito de cinema de arquivo que os participantes das oficinas constroem seus filmes, com imagens e sons já existentes, ressignificados através do processo criativo de edição criado por eles. No final, suas produções são autênticas a partir da utilização de imagens de arquivo escolhidas de acordo com os argumentos criados por eles mesmos.

### 3.3 As Oficinas realizadas

As Oficinas foram primeiramente pensadas para serem realizadas no contexto presencial. Entretanto, com o início da pandemia pelo vírus COVID-19, a necessidade de

recorrer a um novo planejamento surgiu e as oficinas foram reorganizadas para que pudessem ser realizadas no contexto remoto.

O ponto inicial para as oficinas foi o de criar filmes de um minuto, ou filminutos, que pudessem refletir as discussões realizadas ao longo do processo. Para que as metodologias participativas pudessem ser inseridas nas discussões, foi-se pensado em utilizar textos que possibilitam um diálogo interdisciplinar e intersemiótico entre eles. Com isso, a escolha de um texto literário foi feita para que ele pudesse ser traduzido para um texto audiovisual. Dessa forma, os participantes precisaram pensar e trabalhar em formas de traduzir a literatura para o audiovisual. Além disso, a necessidade de trazer outras linguagens como a música, a pintura e o próprio audiovisual, de formas diferentes, surgiu e, com ela, novas adaptações foram feitas, de acordo com os textos escolhidos.

Para que os participantes pudessem aprender a produzir seus materiais audiovisuais, textos teóricos também foram trabalhados nas Oficinas, com atividades práticas que clarificassem o trabalho descrito nos textos, além de vídeos e imagens que também mostrassem, na prática, como o processo cinematográfico é feito.

Definidos esses pontos, as ferramentas a serem usadas foram também definidas. Como as Oficinas são dadas no contexto remoto, ao invés de encontros síncronos e presenciais, foi necessário utilizar aplicações que possibilitam o encontro virtual entre todos os participantes. Por isso, as ferramentas Zoom e Google Meet foram escolhidas para esse propósito. Além disso, para que os alunos não ficassem confusos ao longo do processo, foram também criados vídeos que explicassem, de forma sucinta e prática, como eles poderiam realizar as etapas das atividades.

Para a criação dos filminutos, foi definido o uso da ferramenta InShot, um aplicativo gratuito disponível para Smartphones. Apesar de haver ferramentas de edição melhores, o InShot foi escolhido por ser acessível e gratuito, visto que, remotamente, muitos participantes poderiam não ter um desktop para a utilização de aplicativos de edição. Entretanto, para que todos pudessem trabalhar com o que fosse mais confortável, o uso de outras ferramentas foi liberado.

Com os textos e as ferramentas definidas, o último passo para a organização das oficinas foi em relação às restrições que seriam utilizadas para que todos os participantes pudessem criar um material que partisse do mesmo ponto inicial, de forma que pudesse haver um padrão na criação dos filmes.

A primeira restrição é a do tempo. Por ser um filminuto, os participantes precisavam criar filmes que não ultrapassassem a minutagem, ao menos não de forma bruta. Com isso,

todas as produções precisavam seguir um tempo estimado, sem grandes diferenças. A segunda restrição é a da narrativa. Para que os participantes trabalhassem com a tradução intersemiótica, foi necessário colocar a restrição de utilizar o texto literário escolhido, com a possibilidade de adaptação de trechos, e com a narração dos participantes. Ao fazer isso, os alunos fariam a tradução do texto literário para o filme cinematográfico. A terceira restrição diz respeito à utilização das imagens e vídeos no filme. Os participantes só puderam utilizar imagens e vídeos já existentes, de forma que eles pudessem trabalhar com o cinema de arquivo e ressignificar o que já foi utilizado de outra forma.

Após a definição de todos os pontos de criação, as oficinas puderam ser criadas. Ao todo foram realizadas, até o momento, quatro oficinas que trouxeram discussões e resultados diferentes umas das outras e resultaram em produções autênticas e criativas de cada participante. É importante pontuar que, tendo em vista o ambiente remoto, as atividades foram divididas entre atividades síncronas, com encontros virtuais, e atividades assíncronas, que se resumiam à leitura dos textos e à produção dos filmes.

### 3.3.1 Fotografia de Mallarmé: Leitura e Transcrição

Fotografia de Mallarmé - Leitura e Transcrição foi a primeira oficina realizada pelo projeto TV Extensão. De caráter formativo, ela foi pensada para os alunos extensionistas do projeto, para que eles pudessem aprender, por meio do processo, a criar uma oficina, posto que, de acordo com os princípios do GEM, aquele que ensina deve, antes de tudo, aprender. Inicialmente, a oficina se iniciou em março de 2020 no formato presencial. Entretanto, com a pandemia, foi adotado o método remoto para que houvesse a continuação do projeto. Para que todos pudessem produzir seus filmes sem que houvesse uma grande diferença entre eles, foram feitas restrições em relação ao tempo do filme – todos deveriam ter um minuto, como os filminutos de Agnes Varda –, a fotografia do autor teria que ser usada, e o poema escolhido deveria ser lido com a narração do participante. Os participantes tiveram que criar um filme de um minuto com uma narração feita por eles mesmos do poema e com a fotografia, de forma que eles pudessem ressignificar esse material utilizado de forma autêntica. O poema escolhido para ser trabalhado foi o “Fotografia de Mallarmé”, escrito por Ferreira Gullar, além da fotografia de Stéphane Mallarmé, do fotógrafo Paul Nadal. O objetivo foi o de relacionar e traduzir as duas linguagens de forma que ambas pudessem ser trabalhadas em conjunto. Após a escolha do poema e da imagem, o conceito de argumento foi trabalhado a partir do capítulo “O Argumento”, presente no texto “Elementos de Estética Cinematográfica”, de Umberto Bárbaro (1965), com o intuito de ensinar aos participantes a criarem o seu roteiro. Após iniciar a atividade sobre o argumento do filme a ser produzido, os participantes tiveram que trabalhar

com o conceito de tradução intersemiótica com a leitura do texto “Aspectos Linguísticos da Tradução”, de Roman Jakobson, para o melhor entendimento da tradução que seria feita entre o texto literário, a fotografia e o material audiovisual que seria produzido. Foram também trabalhados os conceitos de cinema de arquivo, com a leitura do capítulo “A Saída dos Operários da Fábrica”, em “O Trabalho com as Imagens”, de Harun Farocki; e o conceito de restrição, retirado do capítulo “O Oulipo e as Oficinas de Escrita” escrito por Ana Maria de Alencar e Ana Lúcia Moraes, em “Terceira Margem, Oficinas de Escrita”. Além disso, o movimento criado por Agnes Varda dos filminutos foi estudado durante os encontros e vídeos criados pela cineasta e por outros cineastas foram passados para todos os estudantes. Ao longo da leitura de todos os textos citados acima, foram feitas discussões extensas sobre cada tópico, de forma que os participantes pudessem tirar suas dúvidas e pensar em exemplos que explicariam melhor cada conceito. Além disso, os participantes tiveram que, em cada etapa, produzir um enxerto de seus filmes, para que eles fossem criados ao longo do processo e trabalhados em cada reunião feita. Por ter sofrido uma interrupção abrupta devido à pandemia, essas discussões tiveram que ser feitas por meio das plataformas do Zoom e do Google Meet. Entretanto, nessa primeira oficina, foi utilizada a ferramenta do Adobe Premiere, para que os participantes aprendessem a utilizá-la futuramente para edições de vídeos para os canais do projeto. Ao total, foram quatro participantes e todos conseguiram produzir seus filmes ao final da oficina, além de também produzirem seus argumentos escritos a partir das discussões realizadas. Ao fim da oficina, os participantes realizaram uma entrevista com o professor Marcelo Diniz sobre Stéphane Mallarmé e o poema de Ferreira Gullar. Com isso, a oficina foi finalizada com quatro filmes produzidos e uma entrevista com um especialista.

### 3.3.2 Oficina O Navio Negreiro

Após a realização da primeira Oficina, os alunos extensionistas receberam a tarefa de organizar e oferecer uma oficina criada por eles a partir dos conhecimentos e práticas adquiridos ao longo da Oficina Fotografia de Mallarmé. Devido aos acontecimentos de cunho racista que estavam ocorrendo em meados de 2020, como o caso de George Floyd nos Estados Unidos e a morte de João Pedro no Brasil, os alunos resolveram ressignificar a oficina para possibilitar debates sobre o racismo ao longo dos séculos.

Com a mudança de tema, o poema “Navio Negreiro”, de Castro Alves, foi escolhido como o poema principal a ser discutido e utilizado na produção dos filmes. Para continuar com a questão da tradução intersemiótica, o recorte de Antonio Candido sobre O Navio Negreiro foi usado, além da canção escrita por Caetano Veloso e Maria Bethânia com o mesmo nome. O

objetivo, ao trazer esse material, foi o de trazer como pauta a questão do racismo e conectar a escravidão com o que ainda acontece hoje em dia com homens e mulheres negros.

Ademais, os textos teóricos e os pressupostos foram mantidos, porém adaptados em vista que, ao longo do processo da primeira Oficina, os participantes perceberam que não havia necessidade de passar o mesmo número de leitura e que seria mais didático explicar, com exemplos práticos, os tópicos e objetivos a serem trabalhados, para que todos pudessem entender da melhor forma todos os passos a serem seguidos.

Por ser em um ambiente totalmente remoto, surgiu a necessidade de se estudar

Nesta edição, apenas alunos da UFRJ se inscreveram, de diferentes cursos. Estiveram presentes alunos do curso de Ciências Contábeis, Letras, Biologia e Administração, o que possibilitou uma discussão mais extensa sobre o tema escolhido. Ao longo da oficina, foram feitas discussões sobre os tempos atuais e os acontecimentos, com contribuições ricas dos alunos com músicas, textos e poesias.

A Oficina teve duração de 2 meses e contou com discussões sobre cinema, música, poesia, literatura, interligados com a situação social e os acontecimentos mundiais. As restrições feitas nesta edição foram as mesmas da primeira Oficina, com a mesma referência bibliográfica. No final da oficina, foram produzidos sete filminutos que contam com sua própria individualidade, apesar de possuírem as mesmas restrições. Como o poema utilizado era extenso, foi dada a liberdade aos alunos de ativarem suas criatividade e realizarem cortes para construir seus argumentos e seus filmes. O resultado foi uma rica diversidade entre os filmes, com a ressignificação de imagens, vídeos e músicas que mostram, de diferentes formas, os malefícios e a falta de humanidade no racismo dos tempos da escravidão até os dias de hoje.

Além da produção dos filmes, foram também realizadas duas entrevistas e um vídeo no formato de roda de conversa, com o depoimento dos participantes da Oficina. Primeiro, foi realizada uma entrevista com o professor Rafael Julião, para falar sobre o contexto literário e histórico da época de Castro Alves e para analisar o poema de forma literária. Após isso, a autora Eliana Alves Cruz foi também chamada para ser entrevistada, para poder falar sobre a questão racial e social da época e da polêmica relacionada ao autor Castro Alves e seu título de “poeta dos escravos”. Por fim, foi feita uma roda de conversa entre todos os participantes, para que eles pudessem elencar os pontos positivos e negativos da oficina e fazer uma avaliação do curso em geral.

### 3.3.3 Oficina Remixando O Navio Negreiro

Após a realização da primeira Oficina e a avaliação feita pelos participantes, viu-se a necessidade de mudar algumas coisas para trazer a Oficina mais para dentro da realidade dos



participantes, de forma que todos pudessem participar e discutir sobre os tópicos a serem trabalhados sem a necessidade de uma leitura aprofundada dos textos teóricos. Para isso, foram feitas apresentações, por meio do PowerPoint, de resumos dos textos e exemplos práticos e didáticos dos tópicos. Além disso, com o material produzido na Oficina anterior, foi decidido que, ao início de cada oficina, todos os filmes já produzidos seriam apresentados para que os novos participantes sejam expostos às diversas possibilidades de criação que eles poderiam ter. Entretanto, os mesmos textos teóricos e as mesmas restrições foram mantidas para que as Oficinas pudessem partir do mesmo ponto inicial e seguir o mesmo processo das anteriores. Além dessa mudança, a Oficina, agora com o nome de Remixando o Navio Negro, foi também aberta ao público externo à Universidade e divulgada em diferentes canais, para que pessoas de outros estados do Brasil pudessem participar. Com essa abertura, o projeto contou com a participação de pessoas de diversos lugares do país e de diferentes formações, desde estudantes universitários a cineastas. A primeira edição dessa nova versão ocorreu do dia 08 de abril ao dia 10 de junho e contou com 10 encontros virtuais e com atividades assíncronas. Nesta edição, boa parte dos participantes tinham interesse em aprender mais sobre o audiovisual. Por isso, a Oficina tomou uma outra direção da anterior, com um foco maior no audiovisual e com discussões mais voltadas à essa área. Dessa forma, os resultados apresentados foram distintos dos apresentados na primeira oficina, apesar do mesmo material ter sido utilizado em ambas. Ao fim desta nova edição, foram produzidos sete filminutos feitos pelos participantes. Como dito anteriormente, o foco desta Oficina foi mais voltado ao audiovisual e, conseqüentemente, a entrevista feita ao final foi também focada nessa área. Para que a entrevista fosse feita, os participantes assistiram ao filme Cabeça de Nêgo e, após isso, entrevistaram o diretor e cineasta Déo Cardoso para falar sobre a representatividade negra nos dias atuais. A segunda edição foi uma replicação da primeira realizada anteriormente e contou com nove encontros virtuais. Assim como a primeira edição, a segunda também contou com participantes de diversos lugares do país, agora com a participação de cineastas, músicos, poetas e estudantes. Por ter essa maior extensão de áreas, essa oficina sofreu algumas mudanças, tendo discussões a respeito não só da literatura e do cinema, mas também da subjetividade presente nos filmes, nas músicas e na poesia. Nesta edição, os textos teóricos ficaram mais de lado e os exemplos práticos foram mais utilizados, com atividades realizadas a partir de curtas-metragens e filmes que trouxessem os tópicos a serem trabalhados. Dessa forma, a segunda edição do Remixando O Navio Negro contou com discussões extensas sobre o audiovisual e sua maneira de trabalhar com fundamentações teóricas por meio do som e da imagem. Os resultados desta edição foram diferentes das demais oficinas, visto que as discussões realizadas foram também diversificadas.

Como fruto disso, as produções contaram com uma temática diferente, com construções e adaptações do poema Navio Negreiro mais poetizadas e cinematográficas que brincam com o poema de Castro Alves e toda a extensão que o audiovisual disponibiliza.

#### 4 Análise das Oficinas

As Oficinas realizadas pela TV Extensão tiveram como objetivo formar seus participantes de forma crítica e emancipatória e o seu processo mostra que há essa possibilidade de inovação dentro do ensino. Ao criar, primeiramente, uma Oficina de formação para que os extensionistas aprendessem sobre o que eles iriam ensinar na prática e depois reproduzissem, de sua maneira, a partir de seus processos formativos, o projeto possibilitou que os alunos, antes de iniciarem suas Oficinas, fizessem parte do aprendizado como participantes e, conseqüentemente, passassem por todas as etapas de conhecimento e criticidade como aprendizes. Com isso, o projeto começou a transformar este ensino em algo emancipatório e crítico, visto que os extensionistas puderam observar e criar, a partir da experimentação e da pesquisa, o que seria melhor construído e trabalhado para a criação de suas Oficinas.

A partir dessa etapa, as Oficinas realizadas com o público interno e externo à Universidade mostram que a Universidade brasileira pode exercer um papel importante na sociedade ao disponibilizar, de forma acessível, Oficinas que emancipem os sujeitos a partir da experimentação, como foi feito pelo projeto. Ao apresentar as restrições e as transcrições e traduções ao longo de todo o processo de formação, os participantes puderam aprender e discutir, de forma crítica, todas as etapas do curso, por fazerem parte da Oficina de forma igual, sem haver uma relação de professor vs aluno e sim de pessoas que estão abertas a aprender e a ensinar de forma nivelada. Além disso, ao criar todo o processo de criação de um filme a partir de discussões e estudos sobre audiovisual e literatura, as Oficinas também possibilitaram que os participantes aprendessem todo o conteúdo por meio da pesquisa e da experimentação, tendo em vista que todos os presentes precisaram construir e reconstruir seus filmes e argumentos para chegar a um resultado final.

Para finalizar, as Oficinas da TV Extensão mostram que a Universidade pode contribuir para a educação e o ensino não só dos universitários, mas também da comunidade, de forma crítica e emancipatória e, a partir da pesquisa, construir, junto com seus participantes, Oficinas que tragam, a partir da experimentação e da criação, uma nova formação que seja acima de tudo crítica e que crie não só um curso, mas uma equipe de trabalho que construa esse processo em grupo, com discussões, opiniões, manifestações e contribuições.

## 5 Conclusão

Apesar de defasado e desatualizado, o sistema educacional brasileiro pode e deve atualizar-se para que os alunos possam encontrar sentido e real aprendizado no que é ensinado para eles. Uma forma de fazer isso é com o ensino emancipatório a partir da experimentação, da pesquisa e da criação que pense no aluno não como um armazenamento de informações abundantes, mas como um ser crítico e pensante que pode construir e desenvolver suas habilidades para se emancipar ao final do aprendizado. A Universidade pode exercer um grande papel nesse sentido, por ter como especialidades a pesquisa e a experimentação, e uma boa opção de se trabalhar isso é a extensão universitária por preocupar-se não só com o que ocorre dentro da Universidade, mas também com a comunidade externa e por levar os seus projetos para fora de seus campi. Com isso em mente, o projeto TV Extensão foi analisado para mostrar como a extensão pode exercer esse papel de transformação no ensino e aprendizagem de seus participantes. As Oficinas realizadas pelo projeto trabalharam com princípios ativos e metodologias ativas que possibilitaram a construção de processos críticos e emancipatórios de todos os participantes de forma que todos pudessem participar das etapas das Oficinas de forma igual e em equipes, com discussões, criações, experimentações e pesquisas feitas em conjunto. Ao longo dos processos, os participantes puderam, a partir dos princípios e das metodologias, aprender e ressignificar a criação de seus próprios filmes de forma crítica e emancipatória. Com os princípios ativos da politecnicidade e da tradução intersemiótica, as Oficinas direcionaram os alunos com ideias principais e focalizadas de forma que os alunos pudessem compreender e analisar o que eles estavam aprendendo e, com as restrições e o cinema de arquivo, eles puderam aprender a partir da experimentação e da pesquisa, por precisarem refletir e construir suas produções a partir de argumentos criados por eles e de suas ideias. As Oficinas da TV Extensão são uma forma de mostrar e evidenciar que a Universidade pode exercer um papel importante na aprendizagem de todos que estejam dentro ou fora de seus campi, por possibilitarem e disponibilizarem um ensino que seja transformador e emancipatório. Com esse ensino, é possível formar e construir uma criticidade nos participantes e, principalmente, a emancipação deles e, assim, modernizar e transformar o sistema educacional do ensino brasileiro.

## 6 Referências

- ALVES, Castro. O Navio Negroiro. Disponível em: <http://dominiopublico.gov.br/downloadtexto/bv000068.pdf>. Acesso em 20 Dez. 2021
- ALENCAR, A. M; MORAES, A. L. (2005 junho/dezembro) O OULIPO e as oficinas de escrita. Revista Terceira Margem, Ano IX, nº 13, p. 9 -28.

- BARBARO, Umberto (1965). Argumento. In: Elementos de Estética Cinematográfica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- CÂNDIDO, Antônio (2004). Recortes. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- FAROCKI, Harun (2017). Instrumentalização do Pensamento. In: O Trabalho com as Imagens. Fortaleza: Centro de Narrativas Audiovisuais.
- GULLAR, F. (2008). Muitas Vozes. In: Poesia Completa... RJ: Nova Aguilar.
- JAKOBSON, R. (2010). Aspectos Linguísticos da Tradução. In: Linguística e Comunicação. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed. SP: Cutrix.
- MAIA, P (2020 setembro/dezembro). Travessias: Palavra-Imagem. Revista Terceira Margem, v. 24, n. 44, p. 32-49.
- PLAZA, Julio (1987). Tradução intersemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva.
- PIGNATARI, Décio. "Formação e Informação Universitárias (uma aula inaugural)". In.: Contracomunicação. 2 ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.
- SAVIANI, Dermeval (2007 janeiro/abril. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34.
- Whitehead APUD PIGNATARI, Décio. "Formação e Informação Universitárias (uma aula inaugural)". In.: Contracomunicação. 2 ed. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.